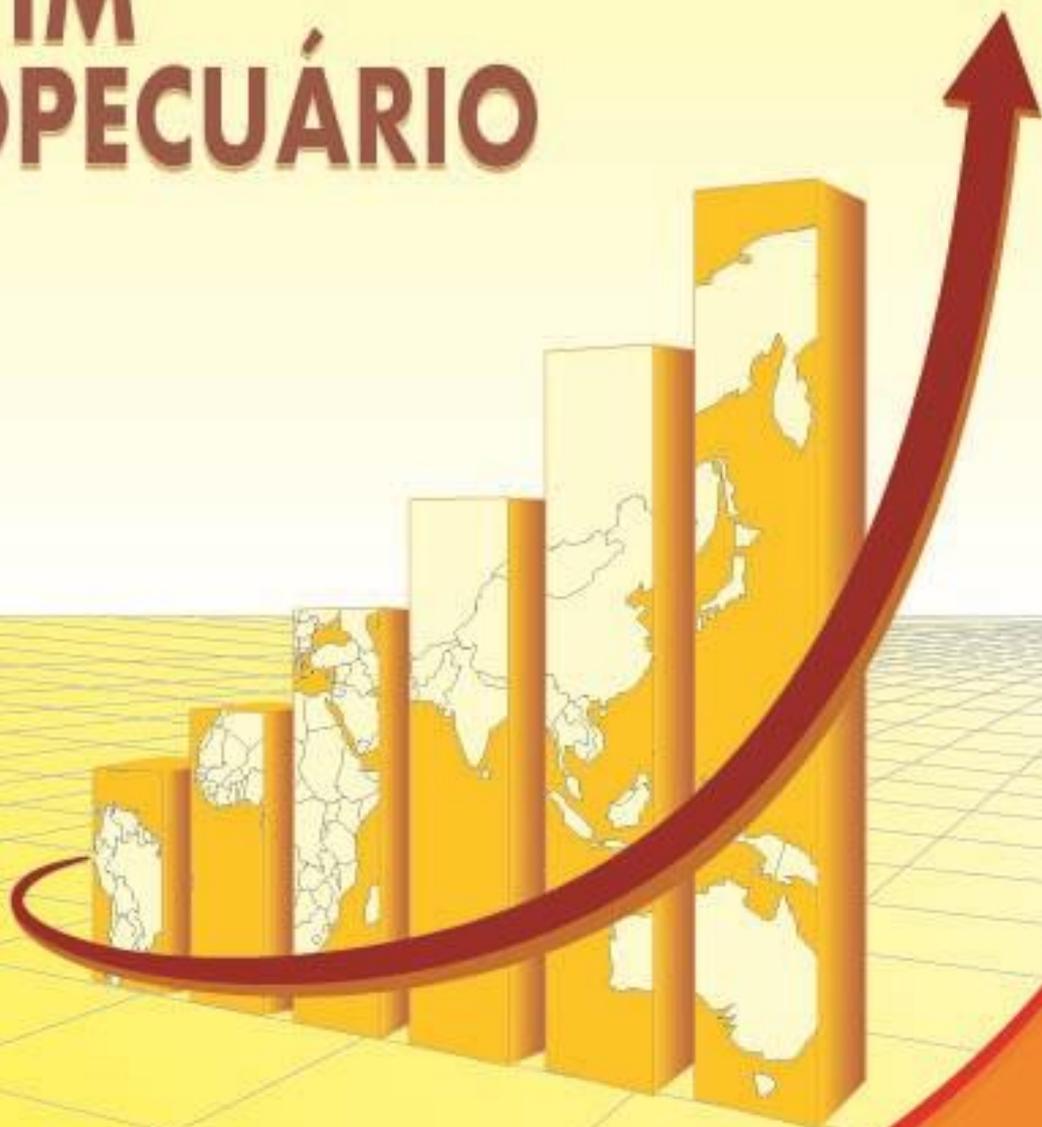


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Fevereiro/2016 – Nº 33





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL Nº 33

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Gláucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Gláucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*, que reúne em um único documento as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

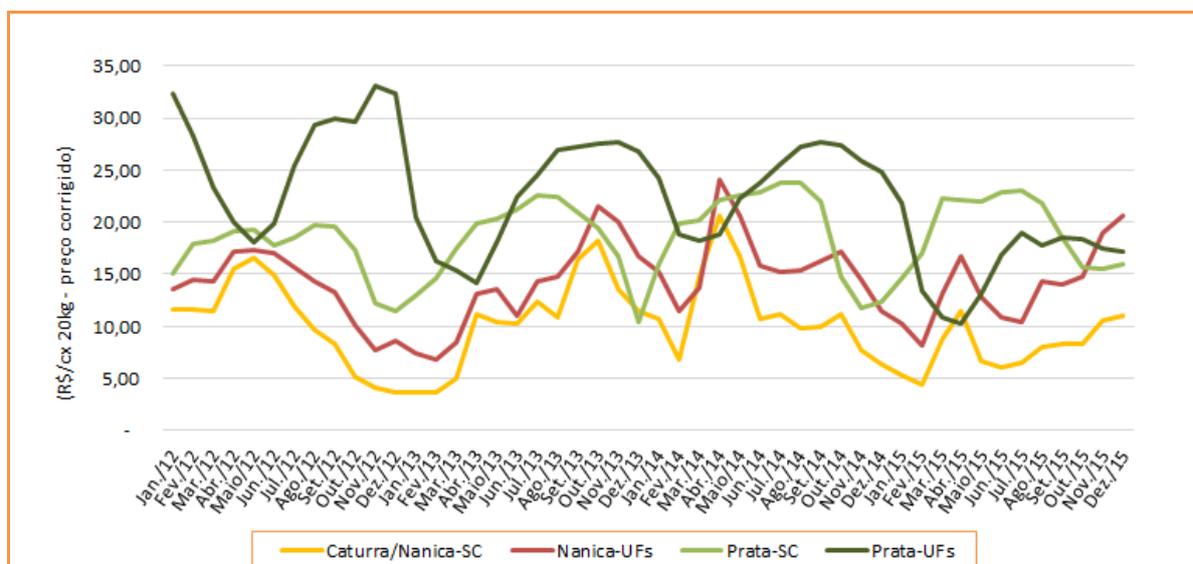
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	9
Arroz	9
Milho.....	12
Soja	15
Trigo.....	17
Pecuária	21
Avicultura.....	21
Bovinocultura	23
Suinocultura.....	25
Leite	27

Fruticultura

Banana

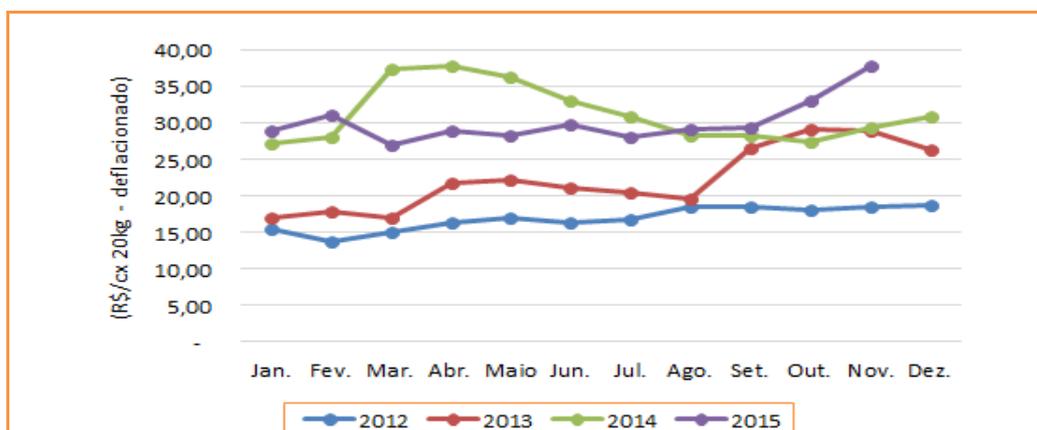
Rogério Goulart Junior
 Economista, Dr. - Epagri/Cepa
 rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (ago94=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Agrolink

Banana - Evolução do preço médio mensal ao produtor – (R\$/cx 20kg)



Nota: Preço deflacionado pelo IGP-DI (ago94=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp

Banana – Flutuação mensal do preço médio no atacado – Santa Catarina – (R\$/cx 20kg)

Nos últimos quatro anos os preços da caturra ao produtor, em Santa Catarina, apresentaram uma leve tendência de queda seguindo a evolução dos preços nos principais estados produtores.

Os anos de 2013 e 2014 apresentaram as maiores altas nos preços, ocasionadas por diminuição da oferta, principalmente, relacionada a eventos climáticos que afetaram a lavoura. Em 2015 o padrão de alta nos preços a partir de março se manteve, mas em patamares menores que em anos anteriores. No segundo semestre de 2015 houve valorização dos preços da caturra devido à diminuição da oferta no Sudeste e Nordeste.

No atacado, entre 2012 e 2015, o preço da banana catarinense no Ceagesp teve um aumento de cerca de R\$10,00, desconsiderando os efeitos inflacionários do período. O padrão de tendência de alta a partir de agosto se repetiu nos anos 2013 e 2015, elevado pela diminuição relativa da negociação de frutas de outras regiões do País, que apresentavam menor qualidade e calibre. O ano com maiores preços para a banana de Santa Catarina foi em 2014, com destaque para o primeiro semestre com ganho real acima de R\$35,00 a caixa de 20kg.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21 kg)⁽¹⁾ nas principais praças do Brasil

Praça	Data		Variação(%)
	13/11/15	11/12/15	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	21,00	21,00	-
Prata	15,12	26,25	73,61
Norte de Minas Gerais			
Nanica	21,00	21,00	-
Prata	16,80	27,30	62,50
Vale do Ribeira			
Nanica	24,57	23,73	-3,42
Prata	19,53	24,99	27,96
Vale São Francisco			
Nanica
Prata	12,60	14,70	16,67

⁽¹⁾ Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21 kg.

Fonte: adaptado de Cepea/Esalq/USP.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015 em relação à safra 2014

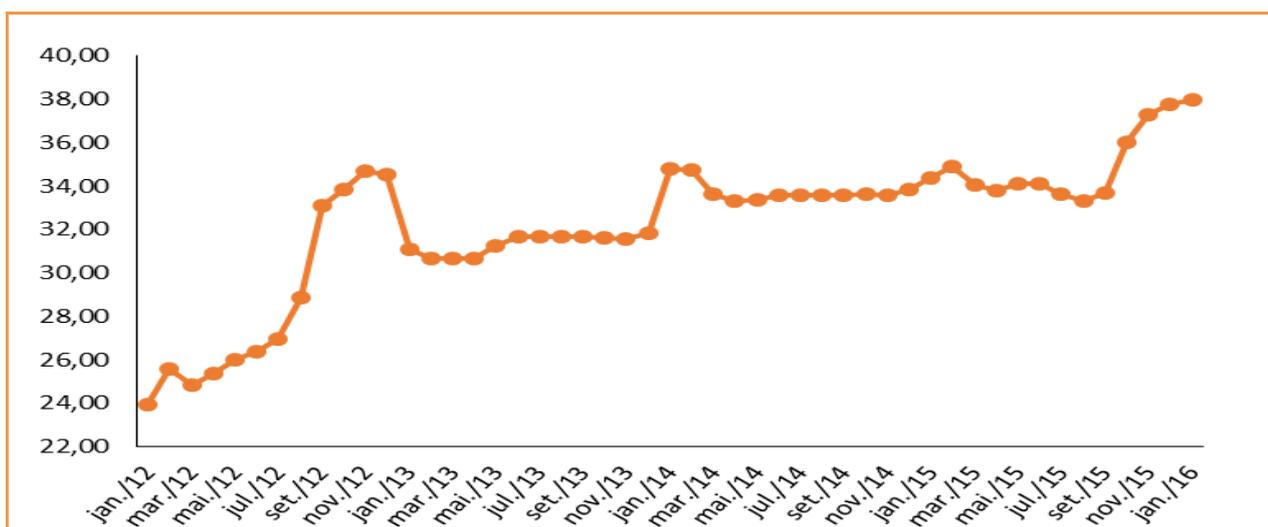
Principais MRG com cultivo de banana	Safra 2013/14			Estimativa safra 2014/15			Estimativa de variação safra 2015/16 ⁽¹⁾ -2014/15 (%)			Var. 2014/15-2013/14 (%)		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Colhida	Produção	Rend. Médio	Área Colhida	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.482	132.103	29.474	4.464	131.962	29.561	-4,7	21,1	27,1	-0,4	-0,1	0,3
Itajaí	3.920	116.260	29.658	3.941	112.443	28.532	-0,4	9,3	9,7	0,5	-3,3	-3,8
Joinville	13.471	365.645	27.143	13.554	377.730	27.869	-6,2	-6,2	0,0	0,6	3,3	2,7
Araranguá	4.940	45.350	9.180	4.965	45.940	9.253	2,6	11,7	8,9	0,5	1,3	0,8
Criciúma	1.475	20.310	13.769	1.458	20.564	14.104	-5,4	15,0	21,5	-1,2	1,3	2,4
Tubarão	211	2.724	12.910	161	1.919	11.919	-54,7	-63,8	-20,2	-23,7	-29,6	-7,7
Outras	995	19.539	19.637	1.008	19.213	19.061	11,1	69,9	22,5	13,6	45,9	27,9
Total	29.494	701.931	23.799	29.551	709.771	24.019	-3,6	3,6	7,4	0,2	1,1	0,9

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE novembro de 2015 e Epagri/Ceapa⁽¹⁾.

Grãos

Arroz

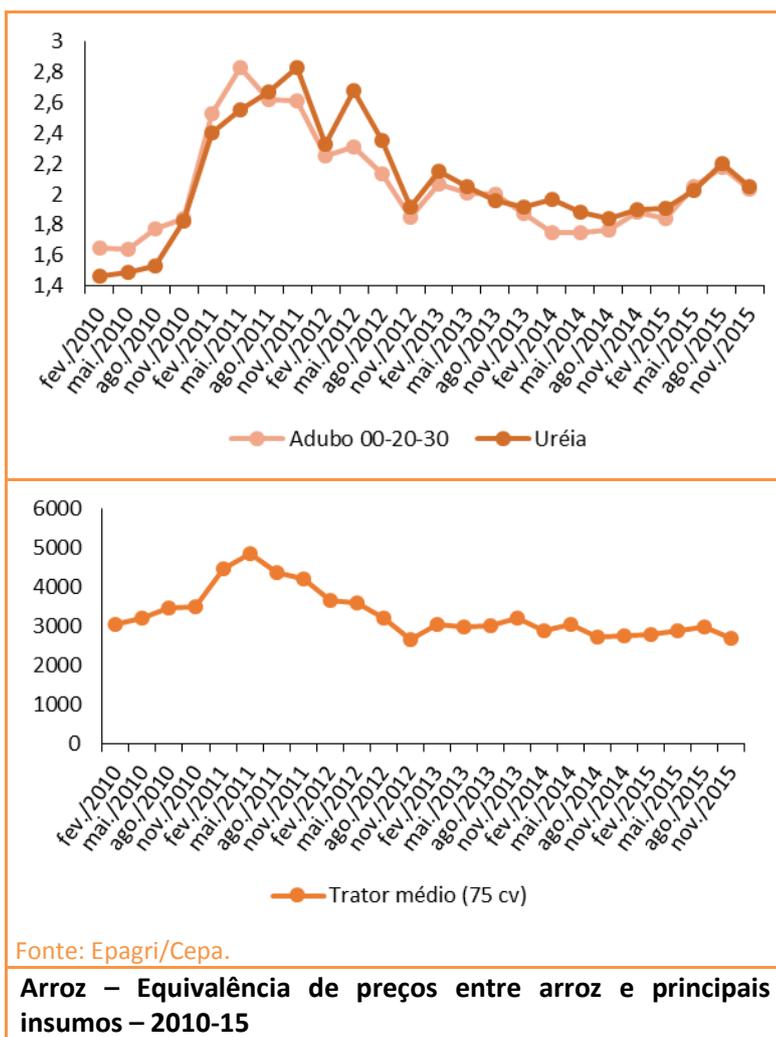
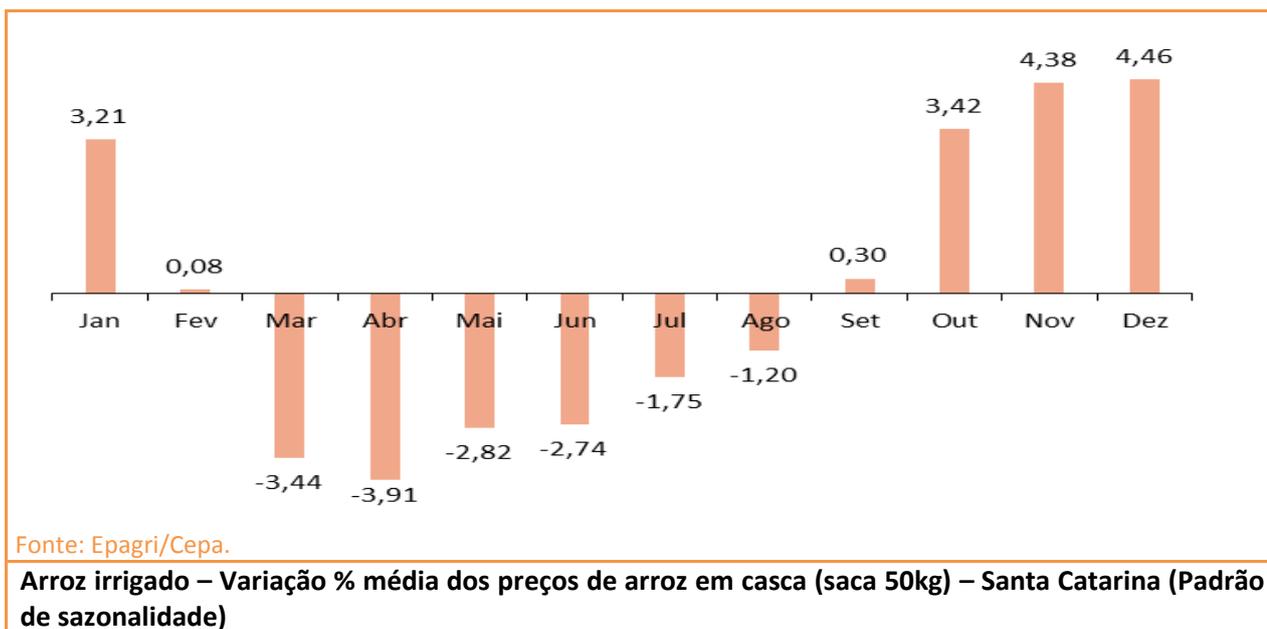
Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dr^a - Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

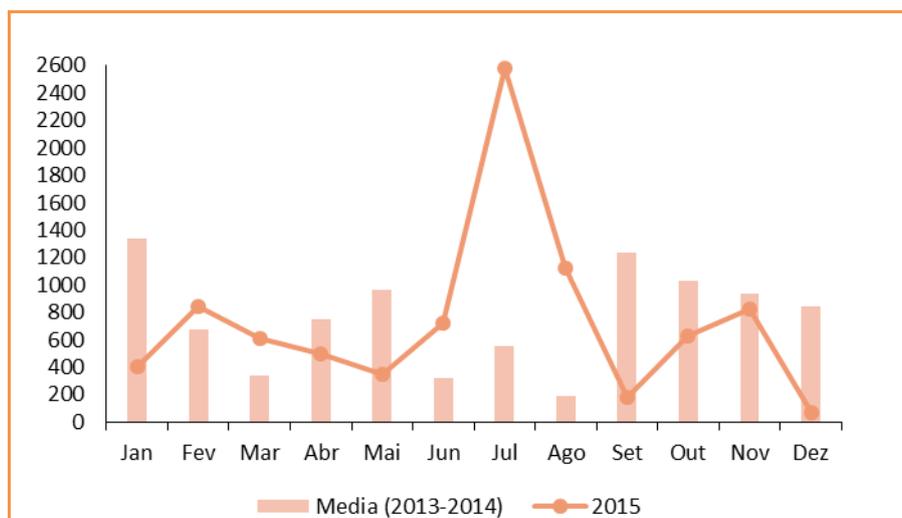
Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal em Santa Catarina (Jan./2012–Jan./2016) – R\$/sc 50 kg

Os preços médios mensais ao produtor de Santa Catarina em janeiro de 2016 foram cerca de 10,5% maiores em relação ao mesmo mês de 2015 e 0,66% maiores em relação à dezembro de 2015. Analisando o padrão de comportamento histórico dos preços, observa-se que entre os meses de setembro e janeiro os preços tendem a ser até 4,5% maiores em relação à média observada. Já nos meses de março a agosto, esses preços podem chegar a ser até 4% menores, sobretudo nos meses de março e abril, quando a colheita do grão está em seu máximo. Dessa forma, a estocagem do produto por alguns meses permite que o produtor ofereça uma parte do seu produto nos períodos de entressafra, quando os preços são maiores. Para o ano de 2016 o mercado espera preços crescentes ou estáveis, haja vista que o excesso de chuvas no período de plantio prejudicou a safra nas principais regiões produtoras. No entanto, destaca-se que, apesar dos preços elevados nos últimos meses, o aumento dos custos, decorrente da necessidade de replantio e de tratamentos culturais em razão do excesso de chuvas no período de plantio, não deve alterar muito a margem de ganho dos produtores.



A relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção tem se mostrado desfavorável ao produtor. No ano de 2015 essa relação de troca vem apresentando comportamento crescente, ou seja, são necessárias cada vez mais sacas de arroz para adquirir os insumos relacionados. Isso ocorre em função da baixa nos preços do produto e do aumento dos preços dos insumos, devido ao aumento da produção na última safra e à valorização do dólar frente ao real, que provoca aumento nos preços dos insumos importados.

Isso posto, em novembro de 2015, foram necessárias cerca de 2 sacas de 50 kg de arroz em casca para adquirir uma saca de 50kg de adubo NPK e ureia. Quanto ao trator médio, foram necessárias cerca de 2.700 sacas de 50kg de arroz em casca para adquirir um trator de 75cv. A combinação de aumento dos preços dos insumos com a redução ou estabilidade dos preços médios recebidos pelos produtores diminui a margem e tende a eliminar muitos produtores do mercado.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz – Evolução das exportações anuais de Santa Catarina – 2013-15

Em Santa Catarina, como no resto do mundo, o comércio internacional de arroz ainda é modesto. Praticamente tudo que é produzido é consumido internamente. Em 2015, as exportações de arroz totalizaram US\$ 4,10 milhões. Ao longo do ano, o comportamento das exportações foi diferente do esperado. Comparando com os dois últimos anos, era esperada uma intensificação das exportações entre os meses de setembro e janeiro. No entanto, em função do bom desempenho da safra e dos baixos preços internos, o produtor voltou-se para o mercado externo mais cedo, concentrando suas exportações entre os meses de maio e agosto.

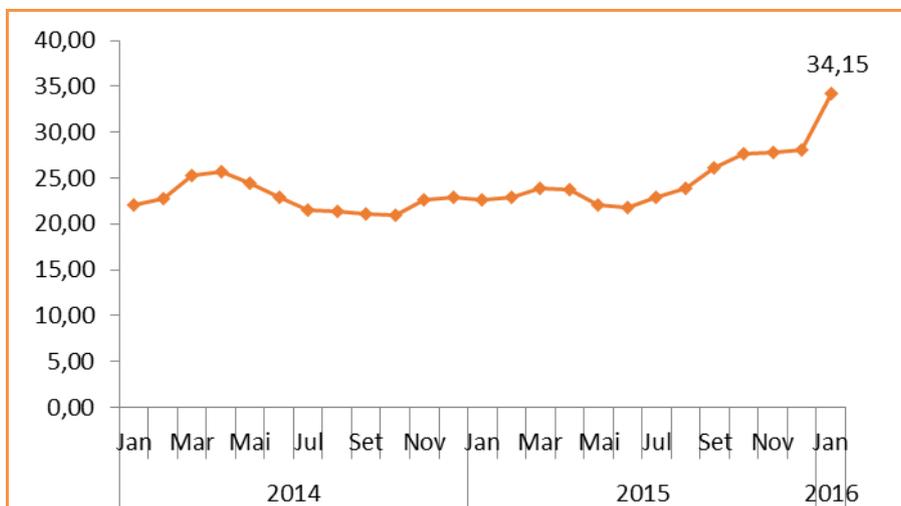
Arroz Irrigado – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	147.446	1.088.521	7.383	-0,46	0,12	0,58
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.978	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.736	166.576	8.440	-0,38	5,77	6,17
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.792	87.257	8.085	-0,06	-1,92	-1,87
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.261	68.561	7.403	-0,24	-3,95	-3,73
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.379	67.138	8.013	1,75	2,34	0,59
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	3.095	17.336	5.601	-0,48	0,00	0,48
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	2.072	8.000	0,00	0,00	0,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho

Glauca de Almeida Padrão
 Economista, Dra. – Epagri/Cepa
 glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

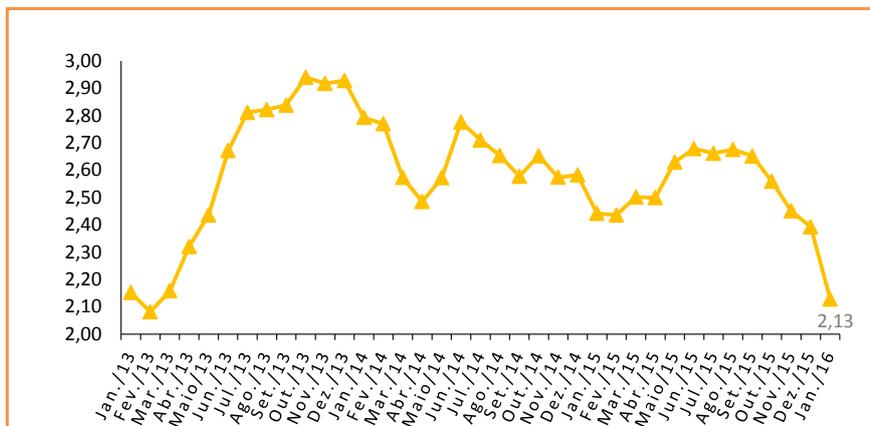
Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina – 2014-16

Os preços médios mensais de milho em Santa Catarina têm apresentado comportamento sazonal esperado no último ano safra. Entre os meses de dezembro e março é esperado um comportamento crescente dos preços em relação à média observada, pois esse é o período de entressafra e as incertezas quanto à próxima safra são grandes. No mês de janeiro, o preço médio recebido pelo produtor foi R\$34,15, cerca de 50% maior que no mesmo mês de 2015. Entre os fatores que explicam esse aumento e mantiveram os preços elevados, destacam-se: o período de entressafra e conseqüente escassez de produto no mercado; o excesso de chuvas no período de plantio que causou prejuízos às lavouras e os embarques americanos freados por excesso de chuva. Entretanto, a mudança na estimativa de safra da Argentina (para cima) e a previsão de que os embarques do grão nos EUA retornem à normalidade são pressões baixistas fortes sobre os preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

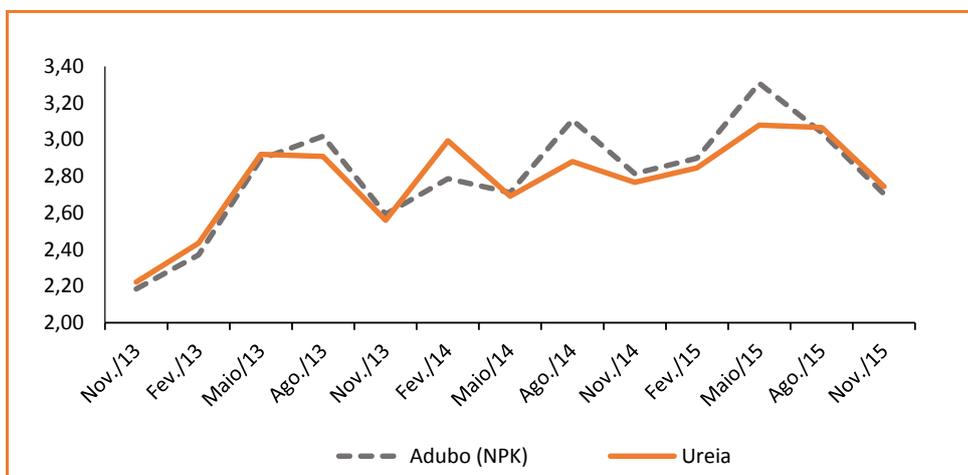
Milho – Padrão sazonal dos preços médios recebidos pelo produtor – Santa Catarina (variação % do preço médio)



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina – Jan./13-Jan./16

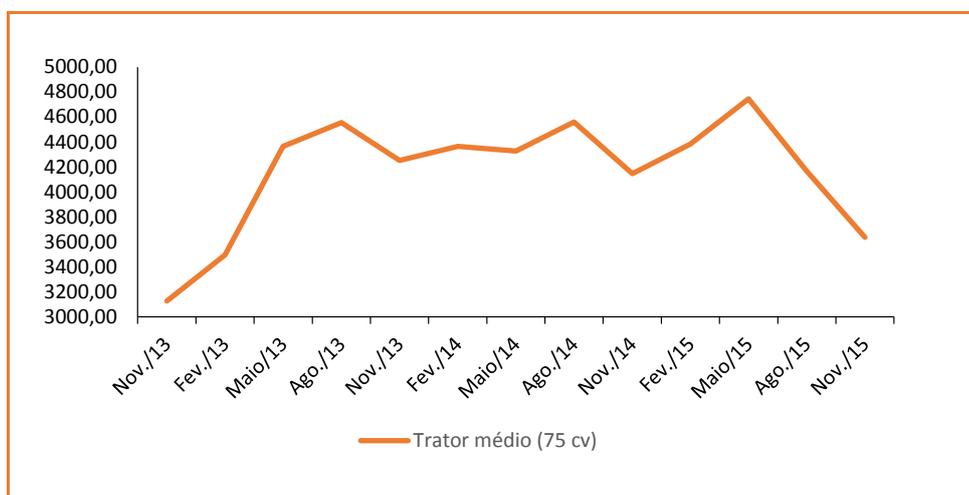
A alta no preço do milho acima da alta no preço da soja em janeiro de 2016 fez com que a equivalência de preços entre os dois grãos se mostrasse favorável ao produtor de milho, desde março de 2013. No mês de janeiro, o preço do milho apresentou aumento de 21,6% em relação ao mês anterior, enquanto o preço da soja aumentou em 8,2%. Apesar disso, o avanço da soja sobre as áreas de milho continua sendo observada. No entanto, é possível que na próxima safra a conversão de áreas não seja tão significativa como nas duas últimas safras, se mantida essa relação de trocas favorável ao produtor de milho.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes – Nov./13-Nov./15

A aquisição de fertilizantes por parte dos produtores de milho ficou mais barata em novembro de 2015, sendo necessárias cerca de 2,7sc de milho para adquirir 50kg de adubo NPK e 2,74sc de milho para adquirir 50kg de ureia.



Fonte: Epagri/Cepa.

Para adquirir um trator médio, em novembro de 2015, foram necessários aproximadamente 3.650sc e 60kg de milho. Essa capacidade de compra dos produtores de milho teve melhor momento entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013, mas voltou a reduzir nos períodos que se seguiram.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio – Nov./13-Nov./15

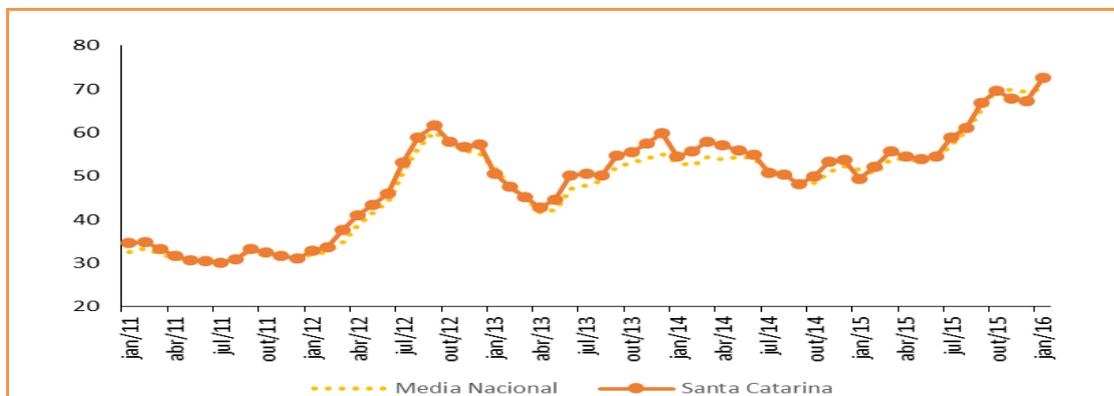
Milho 1ª safra – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safr 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safr 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	365.982	2.859.716	7.814	-9,54	-8,99	0,61
Chapecó	62.565	488.926	7.815	61.090	482.030	7.890	-2,36	-1,41	0,97
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.242	465.518	8.427	-12,14	-12,35	-0,24
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	39.050	302.220	7.739	-16,74	-9,26	8,98
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	32.190	223.074	6.930	-4,62	-3,85	0,81
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	278.260	9.123	-21,79	-24,24	-3,13
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	27.610	325.278	11.781	-11,36	13,47	28,02
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.151	217.198	9.805	-18,74	-19,66	-1,14
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.882	5.752	-14,95	-20,91	-7,00
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	32.056	3.180	-11,50	-59,67	-54,43
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	46.900	8.527	-8,33	-8,20	0,14
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Tabuleiro	3.655	12.505	3.421	3.655	12.505	3.421	0,00	0,00	0,00
Blumenau	1.838	7.014	3.816	1.838	7.014	3.816	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.630	7.505	4.604	1.630	7.505	4.604	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Joinville	485	1.674	3.452	485	1.674	3.452	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	54	199	3.685	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Soja

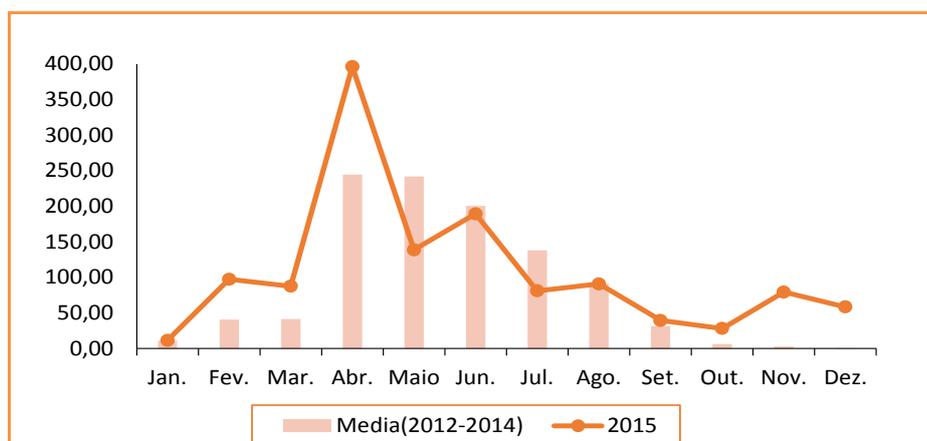
Glauca de Almeida Padrão
 Economista, Dr.^a - Epagri/Cepa
 glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio real mensal ao produtor de soja em grão, média nacional e de Santa Catarina - 2011-16

O preço médio mensal de soja tem apresentado comportamento crescente nos últimos meses, desde a queda observada entre setembro de 2012 e abril de 2013. Analisando o padrão de comportamento dos preços ao longo do ano, observa-se que esses vêm se apresentando dentro do esperado. Entre os meses de agosto e março é esperado um aumento dos preços do grão, em função do período de entressafra e da redução da oferta no mercado. Em termos reais, os preços médios observados em janeiro de 2016 em Santa Catarina foram cerca de 47% maiores que os preços observados no mesmo mês de 2015. Entre as possíveis causas dessa valorização uma das principais é o câmbio elevado que vem impulsionando as vendas para o mercado externo. Assim, com a redução da oferta interna, há uma elevação dos preços domésticos.

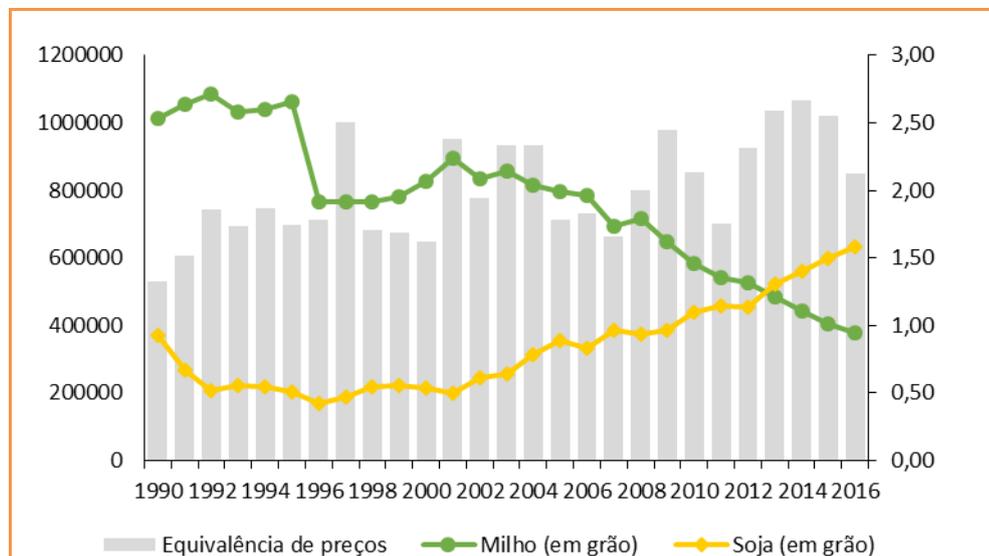


Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012-2015), em mil toneladas

As exportações de soja em Santa Catarina no ano de 2015 foram cerca de 7% menores que o total exportado em 2014. No entanto, em relação à média histórica de 2010 a 2014, as exportações do grão em 2015 foram aproximadamente 90% superiores. Dessa forma, nota-se que, mesmo nos meses em que historicamente as exportações são baixas (setembro a janeiro), os volumes comercializados do grão foram significativos.

Isso porque a valorização do dólar frente ao real nos meses supracitados favoreceu o comércio externo do grão. Com o mercado trabalhando com a possibilidade de alta do dólar, a tendência é que os produtores continuem enviando soja para o mercado externo, o que pode resultar em alta nos preços internos, pela redução da oferta interna do grão.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Evolução da área plantada de milho e soja e equivalência de preços dos grãos – Santa Catarina, 1990 a 2016

A equivalência média de preços ao produtor de soja e milho tem se mostrado favorável ao sojicultor desde 2002, com algumas oscilações pontuais. Tal equivalência, entre outras causas, tem explicado a tendência decrescente da área plantada de milho e o crescimento da área de soja em Santa Catarina. Desde o ano de 2013 a área de soja superou a área de milho no estado. Como se trata de um produto de maior liquidez, os produtores têm optado por substituir áreas de milho, feijão e pínus por soja.

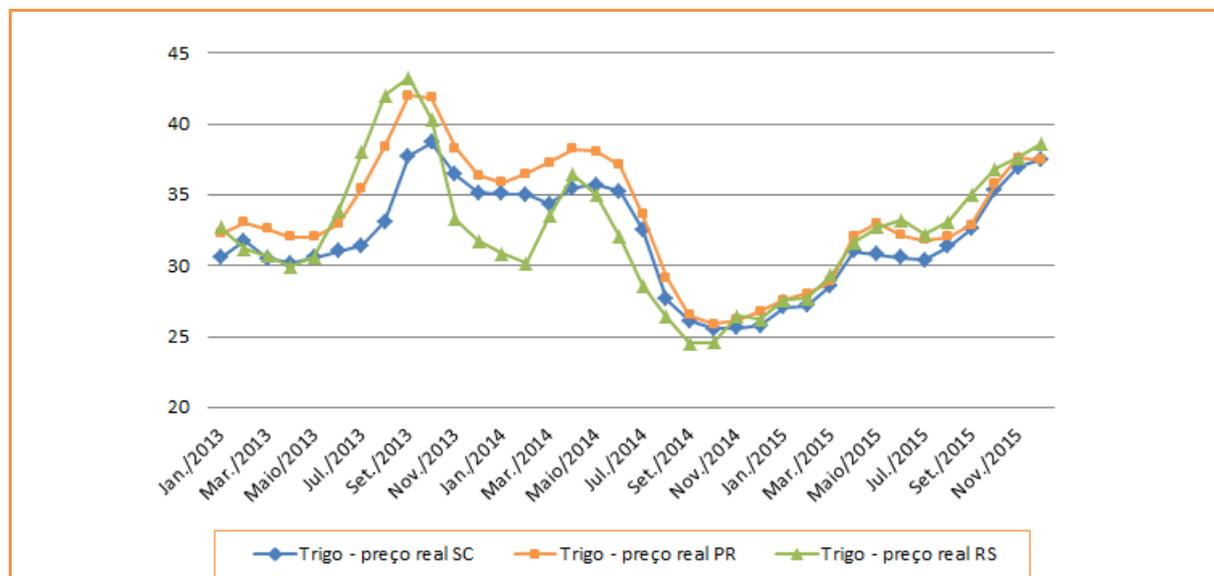
Soja – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2015/16

Mesorregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	598.373	1.945.961	3.252	633.245	2.093.227	3.306	5,83	7,57	1,64
Canoinhas	127.300	441.338	3.467	133.320	462.954	3.473	4,73	4,90	0,16
Xanxerê	132.635	396.740	2.991	132.635	396.740	2.991	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	88.301	320.788	3.633	96.405	369.696	3.835	9,18	15,25	5,56
Chapecó	84.610	240.875	2.847	84.640	240.992	2.847	0,04	0,05	0,01
Campos de Lages	53.900	176.500	3.275	60.430	201.440	3.333	12,12	14,13	1,80
Joaçaba	53.671	190.996	3.559	58.265	213.432	3.663	8,56	11,75	2,94
São Miguel do Oeste	37.220	111.682	3.001	44.110	131.773	2.987	18,51	17,99	-0,44
São Bento do Sul	9.800	32.340	3.300	10.400	34.320	3.300	6,12	6,12	0,00
Ituporanga	5.750	18.930	3.292	6.350	21.045	3.314	10,43	11,17	0,67
Rio do Sul	1.871	5.759	3.078	3.375	10.821	3.206	80,38	87,90	4,16
Concórdia	3.315	10.014	3.021	3.315	10.014	3.021	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, MSc. – Epagri/Cepa
 joaolves@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Evolução do preço médio mensal real – SC, PR e RS (jan./2013 a nov./2015)

O destaque na safra 2015 na cultura do trigo foi o clima. Na maioria das regiões produtoras a ação do fenômeno El Niño promoveu consequências desastrosas. Desde o plantio até a colheita os produtores contabilizaram prejuízos com geadas, granizo e excesso de chuvas. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a qualidade do grão colhido ficou muito abaixo dos padrões aceitáveis para a panificação. O conjunto desses fatores, aliado à alta do dólar que desfavoreceu as importações, mantiveram o trigo nacional com melhores preços aos produtores até o momento. Os preços médios em Santa Catarina, entre os meses de novembro e dezembro de 2015, tiveram aumento de 1,18%, passando de R\$37,11 para R\$37,50/saca de 60kg. Se compararmos com o Preço Mínimo de Garantia do Governo Federal (R\$34,98) o aumento foi de 6,09%. No mês de novembro de 2014, o produtor recebia em média R\$ 28,47/saca de 60kg, enquanto em novembro de 2015 esse valor foi de R\$37,11/saca de 60kg, um aumento de 30,3%. Ainda com relação aos preços, alguns analistas acreditam que a médio e longo prazos pode haver uma alta, atribuída à crescente valorização do dólar e à possível falta de produto no mercado.

Trigo grão – Preço do Programa de Garantia de Preços Mínimo (PGPM) do Governo Federal safra 2015/16 para Região Sul

Região	Tipo	PH	Básico			Doméstico			Pão			Melhorador		
			14/15	15/16	Var. (%)	14/15	15/16	Var. (%)	14/15	15/16	Var. (%)	14/15	15/16	Var. (%)
Sul	1	78	21,24	21,24	0,0	26,52	26,52	0,0	33,45	34,98	4,5	34,03	36,63	4,5
	2	75	19,12	19,12	0,0	23,87	23,87	0,0	28,67	29,97	4,5	30,02	31,41	4,6
	3	72	16,82	16,82	0,0	20,35	20,35	0,0	24,48	24,48	0,0	24,93	24,93	0,0

Nota: preço mínimo básico: Pão, tipo 1.

Fonte: Mapa (safra 2014/2015)

Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor na safra 2015/16 – R\$/saca de 60kg

Estado	Janeiro/2016	Fevereiro/2016 ⁽¹⁾
Santa Catarina	37,67	37,66
Rio Grande do Sul	33,26	33,61
Paraná	38,30	38,81

⁽¹⁾ Preço médio de 01-04/02.

Fonte: Epagri/Cepa, SEAB/Deral, Emater/ASCAR-RS

No comparativo dos preços médios praticados no mês de janeiro com a primeira semana de fevereiro, é possível observar que em Santa Catarina o preço pago ao produtor pela saca de 60kg permaneceu estável. Já no Rio Grande do Sul, houve pequena alta de 1,05%, enquanto no Paraná, a alta foi de 1,33%. Com o preço das farinhas inalterado, espera-se pouca reação no preço pago aos produtores para os próximos meses. Devemos considerar que os moinhos iniciam o período de moagem em fevereiro e encerram em agosto. Nesse contexto o mercado assinala que não há por que esperar para vender o trigo na expectativa de alta do dólar a partir de abril. O produtor deve ficar atento para os custos de armazenagem, que podem ficar elevados e acabar empatando com um eventual ganho obtido com a venda do trigo mais tarde. Com a intensificação da colheita da soja, os armazéns provavelmente darão prioridade para a oleaginosa, encarecendo a estocagem do trigo.

Trigo grão – Comparativo de estimativa de safra 2014/15 e 2015/16 por unidades da federação

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Minas Gerais	67.032	204.225	3.047	81.609	254.214	3.005	21,7	20,1	-1,4
São Paulo	81.388	233.078	2.864	65.900	237.200	3.599	-19,0	1,8	25,7
Paraná	1.388.111	3.816.201	2.749	1.336.887	3.427.466	2.564	-3,7	-10,2	-6,7
Santa Catarina ⁽¹⁾	94.974	261.308	2.751	73.081	156.591	2.142	-23,0	-40,1	-22,1
Rio Grande do Sul	1.180.817	1.670.623	1.415	871.804	1.903.035	2.183	-26,2	13,9	54,3
Mato Grosso do Sul	13.122	24.572	1.873	16.906	31.926	1.888	28,8	29,9	0,8
Goiás	8.091	43.428	5.367	10.190	53.757	5.275	25,9	23,9	-1,7
Distrito Federal	1.410	8.460	6.000	1.600	9.920	6.200	13,5	17,3	3,3

⁽¹⁾IBGE/GCEA -SC (nov./2015).

Fonte: IBGE/LSPA (nov./2015).

No cenário nacional, Santa Catarina que ocupava na safra passada a terceira posição da produção nacional de trigo, na atual safra a expectativa é que passemos a ocupar a quinta posição. Essa queda no ranking se deve a dois aspectos, redução da área plantada, que foi na ordem de 23,4%, e a ação de eventos climáticos extremos, que contribuíram para redução da produção catarinense em cerca de 40%. Paraná, principal estado produtor do grão, responsável por mais de 55% da produção nacional, também sofreu com o clima, com uma expectativa de redução em 10,2% da produção para esta safra. No estado do Rio Grande do Sul, segundo maior produtor, a redução de área plantada foi da ordem de 26%, contudo a produção estimada aponta para um crescimento de 13,9% em relação a safra passada, muito em função do aumento da produtividade. O problema está na qualidade do grão colhido, uma vez que o estado também sofreu com o clima desfavorável para a cultura do trigo. Nos demais estados produtores, os efeitos climáticos adversos não chegaram a comprometer o resultado da safra.

Trigo grão – Comparativo de estimativa de safra 2014/15 e 2015/16 por microrregião – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
São Miguel do Oeste	5.420	15.561	2.871	5.200	10.658	2.050	1,85	-31,51	-28,60
Chapecó	20.326	41.609	2.047	18.660	42.675	2.287	-8,20	2,56	11,72
Xanxerê	26.325	71.013	2.698	16.710	39.276	2.350	-36,52	-44,69	-12,90
Joaçaba	5.005	14.053	2.808	4.115	9.339	2.270	-17,78	-33,54	-19,16
Concórdia	1.076	2.957	2.748	896	2.254	2.516	-16,73	-23,77	-8,44
Canoinhas	19.650	60.410	3.074	14.600	22.905	1.569	-25,70	-62,08	-48,96
São Bento do Sul	550	1.760	3.200	180	234	1.300	-67,27	-86,70	-59,38
Curitibanos	12.820	43.870	3.422	9.400	22.120	2.353	-26,68	-49,58	-31,24
Campos de Lages	1.710	5.642	3.299	1.600	4.520	2.825	-6,43	-19,89	-14,37
Rio do Sul	494	1.022	2.069	362	829	2.290	-26,72	-18,88	10,68
Blumenau	30	54	1.800	30	54	1.800	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	1.520	3.261	2.145	1.000	1.722	1.722	-34,21	-47,19	-19,72
Tijucas	48	96	2.000	8	5	625	-83,33	-94,79	-68,75
Total	94.974	261.308	2.751	73.081	156.591	2.142	-23,05	-40,07	-22,13

Fonte: IBGE/GCEA -SC (nov./2015).

Com 100% do trigo colhido e estimativas apontando para uma queda na produção estadual em torno de 40%, podemos afirmar que a safra 2015/2016 foi seriamente comprometida em função das adversidades climáticas. Os dados mostram que essa safra foi uma das piores nos últimos anos em produtividade e qualidade de grão. Quando comparada com a safra passada, as perdas em produtividade no estado podem ser superiores a 22%. Na região de São Miguel do Oeste estima-se que cheguem a 28%; em Canoinhas, 49% e em Curitiba acima de 30%. Com relação à área plantada na safra, comparando com a safra passada, as estimativas sinalizam que as regiões importantes que tiveram as maiores reduções foram Xanxerê, 36%; Canoinhas, 25% e Curitiba, 26%. As estimativas dão conta de que entre 20 e 30% do grão colhido poderá ser utilizado para panificação. Numa das principais regiões produtoras do estado, Canoinhas, a perda em produção pode ultrapassar 60%; Curitiba, com perdas em torno de 50%, e Xanxerê, com perdas que tendem a superar 40%.

Trigo grão – Suprimento e uso no Brasil - período: agosto-julho (mil toneladas)

Safra	Estoque inicial (01 agosto)	Produção	Importação grãos	Suprimento	Exportação grãos	Consumo Interno			Estoque final (31 julho)
						Moagem Industrial	Sementes	Total	
2011/12	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	1.901,0	9.820,0	324,9	10.144,9	1.956,1
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16 ⁽¹⁾	1.174,6	5.534,9	5.750,0	12.459,5	900,0	10.000,0	367,3	10.367,3	1.192,2

⁽¹⁾ Estimativa Conab (28/01/2016).

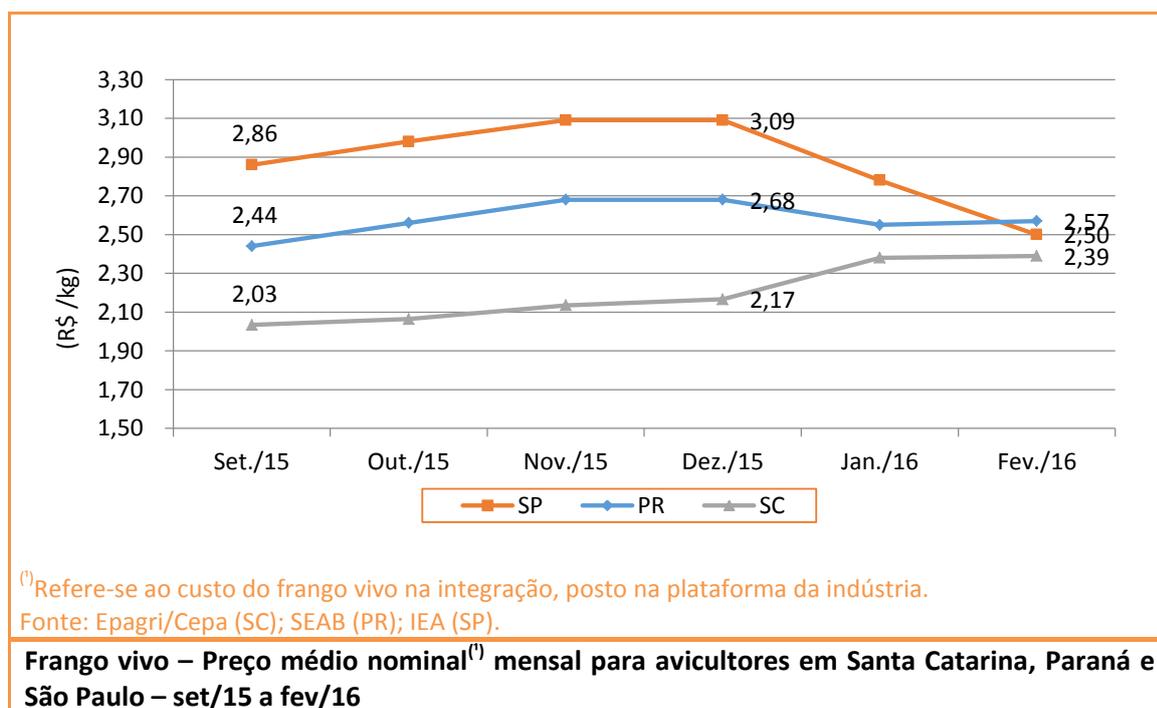
Fonte: Conab, MDIC.

Quanto à oferta de produto no mercado, a Conab prevê um consumo de 10,37 milhões de toneladas do grão. Com uma produção nacional prevista para 5,53 milhões de toneladas, seria necessário importar 5,75 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), entre janeiro e dezembro de 2015, já tinham sido importados 5,17 milhões de toneladas, com tendência de crescimento até julho de 2016, apesar do câmbio desfavorável. Essa necessidade de importação se deve em grande medida a problemas de oferta do produto no mercado brasileiro, prejudicado fortemente pela ação do clima. Estima-se que as importações podem superar os 7 milhões de toneladas, com preços nada favoráveis aos importadores. Com o dólar em alta, menos chuvas e melhores condições climáticas, espera-se que o produtor se anime um pouco para a próxima safra, que em algumas regiões do Paraná já iniciam o preparo do plantio em março.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



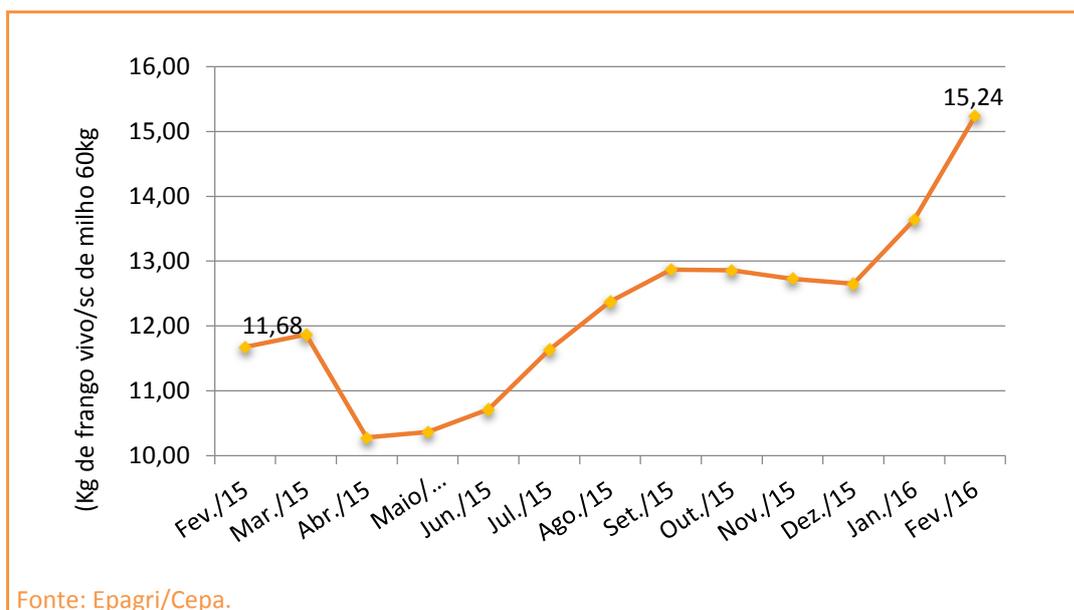
Conforme é possível perceber no gráfico, nos últimos três meses o preço pago ao produtor pelo Kg do frango vivo apresentou comportamento distinto nos três estados analisados. Em São Paulo, o frango atingiu seu preço mais elevado em novembro e dezembro de 2015, apresentando quedas no período seguinte. No Paraná, de forma semelhante, o frango atingiu seu preço mais elevado nos meses de novembro e dezembro, apresentando queda de 4,9% em janeiro. Contudo, na primeira semana de fevereiro o preço teve leve recuperação. Em Santa Catarina, por sua vez, durante o mês de janeiro o preço do frango vivo manteve a tendência de elevação do último trimestre de 2015. Na primeira semana de fevereiro os preços mantêm-se estáveis no estado.

Em relação ao preço pago em fevereiro de 2015, houve variação positiva em todos os estados analisados, com destaque para Santa Catarina, que registrou uma elevação de 21,32% no período.

Frango vivo – Variação do preço no Paraná, em São Paulo e Santa Catarina

Estado	R\$/kg		Var. anual (%)
	fev/15	fev/16	
Paraná ⁽¹⁾	2,19	2,57	17,35%
São Paulo ⁽²⁾	2,33	2,50	7,30%
Santa Catarina ⁽³⁾	1,97	2,39	21,32%

Fonte: ⁽¹⁾SEAB; ⁽²⁾IEA; ⁽³⁾Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

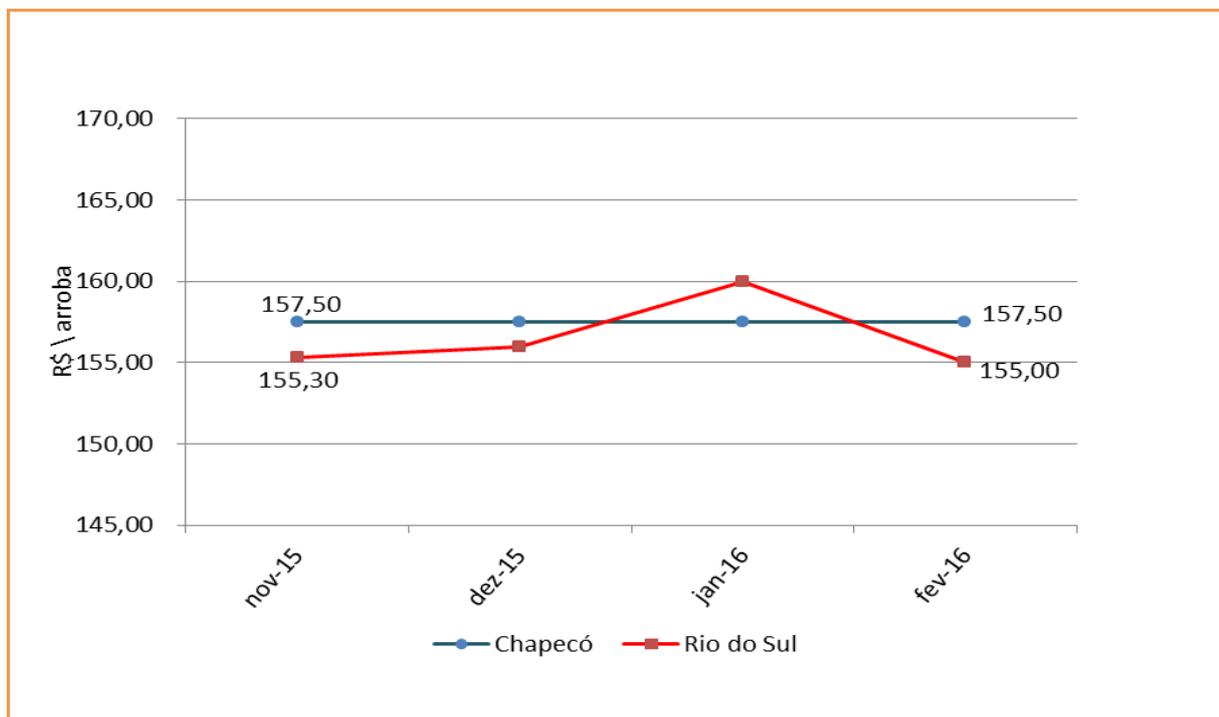
Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015-16

A equivalência insumo/produto do frango, que vinha apresentando estabilidade e até mesmo sinais de leve queda no último quadrimestre de 2015, voltou a aumentar no mês de janeiro e na primeira quinzena de fevereiro, atingindo 15,24kg de frango vivo/saco de milho.

Essa variação é decorrente da forte elevação do preço do milho em todo o País nos últimos meses. Em Santa Catarina, a saca de 60kg apresentou uma elevação superior a 55% na comparação entre o preço médio de fevereiro de 2015 e o preço praticado na primeira quinzena de fevereiro de 2016. Tal situação tem pressionado os custos de produção do frango, apontando para um cenário difícil durante este ano. Contudo, há perspectiva de que esse movimento de alta do preço do milho perca força a partir deste mês com a chegada da safra de verão, a aparente redução do ritmo das exportações e a intervenção do governo federal no mercado (por meio de leilões de estoques da Conab).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



⁽¹⁾Para pagamento em 20 dias.

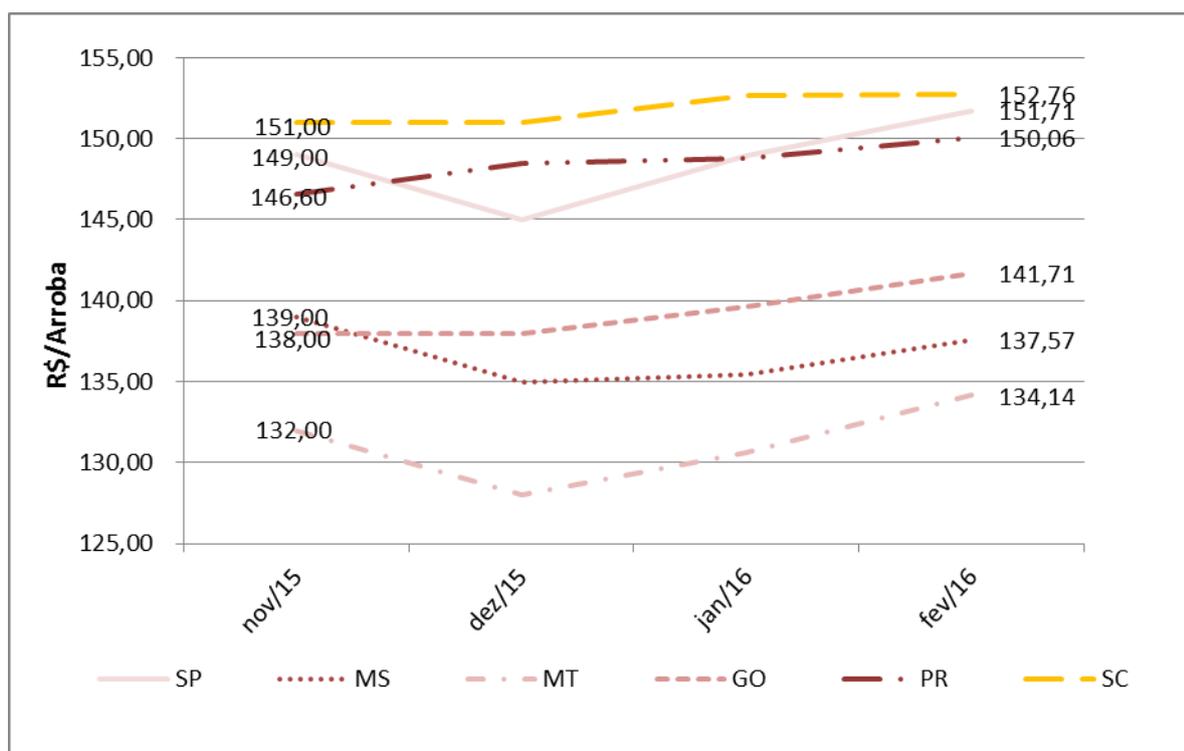
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal para bovinos em SC⁽¹⁾ – 2015.

Nos últimos três meses os preços têm-se mantido estáveis na maioria das praças de Santa Catarina analisadas. Conforme se verifica no gráfico anterior, em Chapecó não houve variação de preço no período em questão, enquanto em Rio do Sul registraram-se pequenas oscilações positivas e negativas. Ao analisar os dados de todas as praças monitoradas, verifica-se que houve uma variação positiva de 1,2% no preço da arroba do boi gordo.

De forma geral, ao analisar os valores pagos nos principais estados produtores pela arroba (comparando os meses de novembro de 2015 com as primeiras semanas de fevereiro do corrente ano), percebe-se que na maioria deles houve aumento, que variou de 1,62% (MT) a 2,69% (GO). A única exceção foi Mato Grosso do Sul, onde foi registrado um decréscimo de 1,03% na comparação entre os dois períodos.

Uma análise mais detalhada dos dados demonstra que parcela significativa dessas elevações foi registrada em fins de dezembro 2015 e em janeiro e fevereiro de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾.

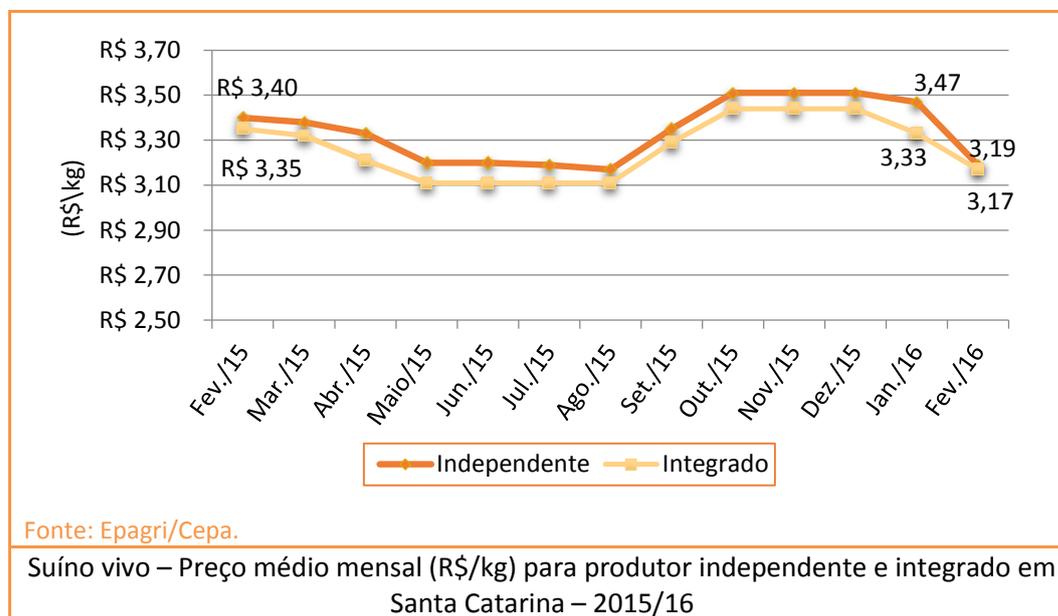
Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MT⁽²⁾, GO⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2015/16.

A baixa disponibilidade de rebanhos prontos para abate nesse período tem sido um dos principais fatores responsáveis pelos aumentos observados. Além disso, mesmo com o desaquecimento da economia, até o momento os reflexos sobre o consumo de carne bovina não tem afetado os preços negativamente.

Há que se ressaltar que, num cenário de elevação das taxas de desemprego e comprometimento da renda, é de se esperar que parte da população busque opções mais baratas de proteína animal, como é o caso da carne suína e de frango. Contudo, o hábito consolidado de consumo de carne bovina por parte dos brasileiros tende a garantir certa sustentação do mercado, não obstante haver uma possível intensificação das substituições, a depender do desempenho da economia ao longo do ano. Além disso, as perspectivas de desempenho favorável das exportações (com a reabertura do mercado chinês para esse tipo de carne, por exemplo) podem contribuir para a minimização do impacto de eventuais reduções no consumo interno.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



Suíno Vivo – Incremento mensal do preço pago aos produtores em Santa Catarina por categoria – 2015

Mês	(R\$/Kg)	
	Produtor independente	Produtor integrado
Novembro/15	3,51	3,44
Dezembro/15	3,51	3,44
Janeiro/16	3,47	3,33
Fevereiro/16 ⁽¹⁾	3,19	3,17
Variação média	-3,14%	-2,69%

Fonte: Epagri/Cepa.

⁽¹⁾ Dados relativos ao período de 01 a 11/fev/2016.

O mercado catarinense de suínos vivos, que se encontrava estável no último trimestre de 2015, começou a apresentar quedas de preços em janeiro de 2016, as quais se acentuaram nas primeiras semanas de fevereiro.

A variação média mensal no período foi de -2,69% para o produtor integrado e -3,14% para o produtor independente.

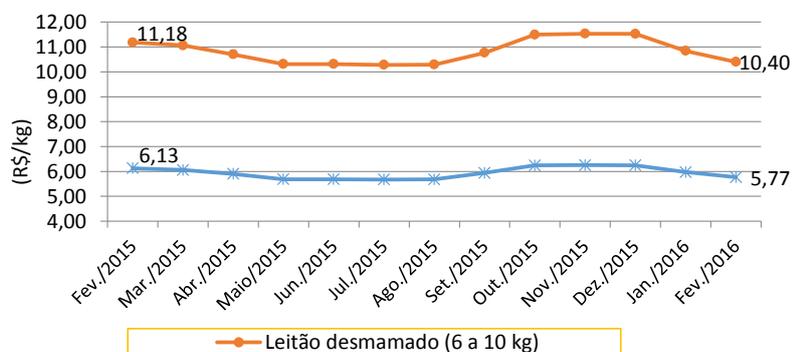
Suíno vivo – Variação do preço pago nos principais estados produtores – 2015

Estado	(R\$/kg)			
	Dezembro/2015	Janeiro/2016	Fevereiro/2016*	Variação (%)
Minas Gerais	4,35	4,17	3,59	-17,5
Paraná	3,63	3,33	2,98	-17,9
Rio Grande do Sul	3,47	3,27	2,91	-16,1
Santa Catarina ⁽¹⁾	3,44	3,40	3,18	-7,6
São Paulo	4,17	3,86	3,14	-27,7

Fonte: Cepea; Epagri/Cepa⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Dados relativos ao período de 01 a 11/fev/2016.

O quadro anterior apresenta um comparativo entre os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores no período de dezembro a fevereiro. Conforme é possível perceber, em todos os casos registraram-se quedas nos valores. A variação mais acentuada ocorreu em São Paulo, com uma queda de 27,7% no período. Santa Catarina, por sua vez, registrou a menor variação, com queda de 7,6%.



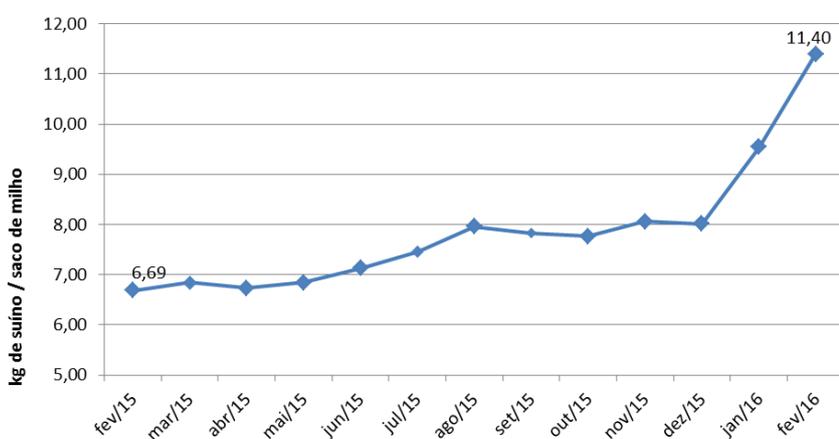
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2015/16

Seguindo a tendência de queda no preço do quilo vivo do suíno, os preços pagos pelo leitão desmamado de 6 a 10kg e pelo leitão de +/- 22kg também apresentaram queda no início deste ano.

Após um período de relativa estabilidade, a partir de dezembro observa-se uma forte elevação na equivalência insumo/produto para a carne suína. Tal elevação é decorrente de dois fatores: elevação do preço do milho registrada nos últimos meses e redução do preço pago ao suinocultor.

Em Santa Catarina, a saca de 60kg apresentou uma elevação superior a 55% na comparação entre o preço médio de fevereiro de 2015 e o preço praticado na primeira quinzena de fevereiro de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de suíno necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

A tradicional redução do consumo de carne suína no início do ano tem empurrado os preços da carne suína para baixo, criando dificuldades para o suinocultor. Aliada ao aumento no preço do milho, tal situação tem elevado os custos de produção dos suínos, apontando para um cenário de dificuldades para o suinocultor durante este ano.

Contudo, há perspectiva de que esse movimento de alta do preço do milho perca força a partir deste mês, com a chegada da safra de verão, a aparente redução do ritmo das exportações e a intervenção do governo federal no mercado (por meio de leilões de estoques da Conab).

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

No dia 21/01 houve a primeira reunião de 2016 do Conseleite de Santa Catarina. No que diz respeito aos preços de referência pagos aos produtores, repetiu-se o que se tem observado desde o mês de outubro de 2015: aumento em relação ao mês anterior. Com isso, em valores nominais, o preço projetado para janeiro (R\$0,9406/litro) é um novo recorde.

Isso não se repete em termos reais. A indexação dos valores pelo IGP-DI mostra que o maior preço de referência foi alcançado em agosto de 2013 (R\$1,0949/litro). O ano de 2013, aliás, é também o que apresenta o melhor preço médio real da história do Conseleite/SC, que estabelece preços de referência desde 2007.

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina -2012-15

Mês	R\$/litro (Preço na propriedade com INSS incluso)							
	Valor corrente				Valor corrigido pelo IGP-DI de 12/2015			
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015
Janeiro	0,6512	0,7284	0,7389	0,7744	0,8508	0,8803	0,8455	0,8516
Fevereiro	0,6525	0,7219	0,7655	0,7866	0,8519	0,8707	0,8686	0,8604
Março	0,6559	0,7501	0,8379	0,8614	0,8516	0,9020	0,9369	0,9309
Abril	0,6701	0,7989	0,8764	0,8843	0,8613	0,9612	0,9755	0,9470
Mai	0,6617	0,8301	0,9040	0,8875	0,8428	0,9956	1,0108	0,9466
Junho	0,6573	0,8759	0,9123	0,9347	0,8315	1,0426	1,0266	0,9902
Julho	0,6626	0,9058	0,9093	0,9278	0,8257	1,0766	1,0289	0,9772
Agosto	0,6622	0,9254	0,9097	0,9131	0,8147	1,0949	1,0287	0,9579
Setembro	0,6677	0,9322	0,8978	0,8978	0,8143	1,0881	1,0151	0,9286
Outubro	0,6959	0,8921	0,8308	0,9024	0,8513	1,0348	0,9338	0,9172
Novembro	0,7078	0,8234	0,7958	0,9308	0,8637	0,9525	0,8843	0,9349
Dezembro	0,7195	0,7709	0,7877	0,9387	0,8722	0,8857	0,8720	0,9387
Média	0,6720	0,8296	0,8472	0,8826	0,8443	0,9821	0,9522	0,9318

Fonte: Conseleite/SC

Essa recuperação nominal dos valores nos meses recentes contrariou a expectativa criada ao longo de 2015. O cenário mais provável de então combinava aumento da oferta com redução de demanda, o que dificilmente deixaria de redundar em redução de preços dos derivados lácteos em geral e, conseqüentemente, dos preços de referência no âmbito do Conseleite. Mesmo com a precariedade de algumas informações setoriais, parece cada vez mais evidente que, tanto no que diz respeito à oferta quanto no que se refere à demanda, esse cenário não se confirmou.

No que diz respeito ao provável aumento da oferta, considerando os números já disponibilizados pelo IBGE, 2015 não repetirá a trajetória de crescimento de produção nacional observada ao longo de praticamente todos os anos recentes. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite, no período de janeiro a setembro de 2015, o volume de leite adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas decresceu 2,5% em relação ao mesmo período de 2014.

Leite adquirido pelas indústrias inspecionadas - 1997-2015

Ano	(Milhões de litros)	
	Janeiro a setembro	Total anual
1997	7.658,6	10.686,3
2000	8.647,3	12.107,7
2003	9.906,2	13.627,2
2006	12.054,2	16.669,7
2009	14.123,0	19.601,7
2010	15.370,9	20.975,5
2011	15.884,1	21.795,0
2012	16.536,0	22.338,3
2013	17.009,4	23.552,8
2014	18.213,7	24.747,0
2015	17.763,1	24.134,8 ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa da Epagri/Cepa baseada no que ocorreu até o 3º trimestre.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Portanto, para que o volume de todo o ano de 2015 supere o de 2014, precisaria que o último trimestre apresentasse um desempenho muito superior ao do mesmo período de 2014, o que é muito improvável. A tendência, aliás, é que tenha ocorrido o inverso. Pelo lado da demanda, a falta de indicadores setoriais de consumo dificulta considerações mais fundamentadas. Mas é oportuno observar que, em decorrência de importantes variações na distribuição da renda nacional, os últimos anos têm mostrado que é pouco recomendável estabelecer relações diretas e imediatas entre indicadores econômicos mais gerais (tipo o desempenho do PIB, por exemplo) e o consumo de alimentos. Sobretudo quando se trata do mercado do leite, em que a maior parte do consumo no Brasil ainda se dá através de produtos derivados de baixo valor agregado, como são os casos do leite fluido e os queijos dos tipos muçarela e prato. Isso fica particularmente ainda mais complexo quando se trata do que pode ter havido com o consumo de um ano para o outro.

Assim, mesmo com a economia nacional pior que em 2014, não é improvável que o consumo de lácteos tenha se mantido relativamente estável ou até mesmo crescido em 2015. Isso pode ter sido facilitado pelo comportamento dos preços dos lácteos, que ficaram longe de acompanhar os índices inflacionários oficiais. No mercado atacadista, por exemplo, os levantamentos do Cepea mostram que depois de aumentos significativos de 2012 para 2013, no período mais recente os preços variaram de maneira bastante discreta. Ainda que no varejo o comportamento possa não ter sido exatamente esse, o fato é que o mercado varejista se permitiu realizar muitas promoções à base de derivados lácteos, o que sempre repercute positivamente no consumo.

Preços médios e variação percentual dos derivados lácteos no atacado

Ano	Média nacional do mês de outubro do ano - R\$/unidade				
	Leite		Queijo		Manteiga (200g)
	UHT (l)	Pó integral (sachê 400g)	Muçarela (Kg)	Prato (Kg)	
2011	1,72	9,74	11,66	12,68	10,65
2012	1,74	10,84	12,08	13,10	10,77
2013	2,17	13,59	14,40	15,20	12,49
2014	1,99	13,65	13,73	14,73	12,85
2015	2,03	13,49	14,06	15,48	13,18
Variação %					
2011-12	1,5	11,3	3,7	3,3	1,2
2012-13	24,6	25,3	19,2	16,0	15,9
2013-14	-8,3	0,5	-4,7	-3,1	2,9
2014-15	2,1	-1,2	2,5	5,1	2,6

Fonte: Cepea.

Como já salientamos em boletins anteriores, caso não houvesse uma demanda relativamente aquecida por derivados lácteos apenas em face do decréscimo da produção, seria improvável a recuperação de preços observada ao final de 2015.